Autores: Geovana Dara Pereira de Oliveira e Juliana Maria Cruz Matos

Gestalt-terapia e interseccionalidade: a urgência de uma clínica comprometida com o social.

A Gestalt-terapia constitui-se, desde sua gênese, como uma abordagem construída a partir do diálogo com diversos campos do conhecimento, dentre eles a fenomenologia, o existencialismo, a teoria organísmica e práticas de orientação holística. A partir das leituras de Frazão, que relata a historicidade da abordagem, evidencia-se que essa característica plural contribuiu para o desenvolvimento de uma teoria aberta aos encontros com outros saberes e às transformações no campo da Psicologia. No entanto, não podemos esquecer que as formulações da Gestalt-terapia ocorreram em um contexto específico, marcado por tempo, território e gênero. Tais contextos influenciam diretamente os pressupostos que fundamentam a teoria e, quando não problematizados, produzem lacunas importantes na prática clínica contemporânea, especialmente em territórios atravessados por violências estruturais de gênero, raça e sexualidade. Na última década, o fortalecimento dos debates feministas, antirracistas e de diversidade de gênero e sexualidade tem tensionado as teorias psicológicas e o próprio campo da Psicologia. Isso evidencia o quanto a prática clínica e os processos de ensino-aprendizagem ficam comprometidos quando, diante dos sofrimentos psíquicos contemporâneos, desconsideramos que estes se desenvolvem a partir das violências estruturais que produzem subjetividades. O conceito e método de pesquisa da Interseccionalidade, formulado por Kimberlé Crenshaw e desenvolvido no campo do feminismo negro, aponta caminhos para uma análise da estrutura social e subjetiva que considere os diferentes marcadores sociais — raça, gênero, classe, sexualidade, entre outros — como elementos que atravessam a experiência dos sujeitos e produzem distintas formas de sofrimento. Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo discutir aproximações possíveis entre Gestalt-terapia e Interseccionalidade, refletindo sobre desafios e caminhos desse diálogo para a clínica psicológica contemporânea. Trata-se de um estudo teórico de caráter exploratório, a partir de levantamentos bibliográficos com produções recentes no campo da Gestalt-terapia, como Interseccionalidade e Demandas Sociais: desafios para a Gestalt e Por uma Gestalt-terapia crítica e política: relações raciais, gênero e diversidade sexual, que articulam os conceitos da abordagem aos debates sobre gênero, raça e sexualidade. A análise do material indica alguns caminhos. Em primeiro lugar, evidencia a emergência de produções acadêmicas, sobretudo no contexto universitário, por meio de estudos de caso e relatos de experiências que articulam marcadores sociais ao campo clínico da Gestalt-terapia. Observa-se que esse movimento tem sido impulsionado por grupos de estudo, projetos de extensão e laboratórios vinculados às universidades, indicando um deslocamento progressivo no campo formativo da Psicologia. A presença de novos sujeitos — que se reconhecem atravessados por esses marcadores sociais — e a ampliação dos debates no espaço acadêmico têm favorecido a problematização de conteúdos historicamente negligenciados, tornando mais possível a construção de práticas clínicas alinhadas às demandas sociais contemporâneas. Além disso, pesquisadores vêm sendo convocados a refletir sobre essas temáticas, o que aponta para a necessidade de revisitar conceitos e fundamentos, reconstruir leituras sobre a sociedade a partir dos diferentes territórios e incorporar discussões de outros campos do conhecimento, retomando o caráter plural presente na gênese da abordagem. Esse movimento também contribui para descortinar aspectos historicamente invisibilizados na própria história da Gestalt-terapia, como as contribuições significativas de Laura Perls para o desenvolvimento da abordagem, muitas vezes apagadas por estruturas e discursos marcados pelo machismo e pelo patriarcado.

Apesar desses avanços, ainda se identifica uma produção teórica incipiente e a necessidade de ampliação do repertório crítico no campo da Gestalt-terapia. Torna-se necessário romper com a lógica centrada exclusivamente nos referenciais internos da abordagem, a fim de sustentar práticas clínicas mais contextualizadas e socialmente comprometidas. Conclui-se que a Gestalt-terapia se reinventa ao abraçar suas características plurais e ao se dispor ao diálogo com outros campos do conhecimento, produzindo uma teoria — e, portanto, uma prática clínica — que reconhece o sujeito como inseparável do campo. Trata-se de uma clínica que não apenas compreende o sofrimento, mas que também se compromete eticamente com as transformações das realidades que o produzem.

Palavras chaves: Gestalt-terapia; Interseccionalidade; Marcadores sociais.